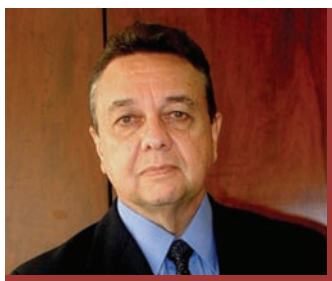


Diário de bordo

Cooperativismo nas exportações



Roberto Rodrigues*

AS COOPERATIVAS agropecuárias têm o papel de melhorar a renda dos produtores rurais, uma vez que estes, isoladamente, são incapazes de negociar os preços cobrados pelos vendedores de insumos ou barganhar na hora de vender sua produção à indústria de alimentos. As cooperativas, comprando e vendendo em *pool*, conseguem melhorar a renda final dos associados. E, quando verticalizam as atividades, agregando valor por meio da industrialização ou distribuição próprias, é ainda melhor.

Com a globalização econômica, buscar mercados no exterior passou a ser uma necessidade para o agronegócio brasileiro e, também, para as cooperativas do setor.

A modernização do movimento cooperativista agrícola brasileiro, liderado com competência pelo sistema OCB, vem permitindo a concretização dessa demanda, e as exportações do agronegócio cooperativado vêm crescendo.

Em 2007, 185 cooperativas em todo o país exportaram U\$ 3,30 bilhões, um crescimento de 16,5% em relação à 2006, quando as exportações foram de U\$ 2,83 bilhões.

Os dados são ainda mais notáveis quando olhamos no mais longo prazo, mesmo considerando a desvalorização do dólar ante o real. Em 2003, exportamos U\$ 1,303 bilhões, U\$ 2 bi a menos que no ano passado.

Também o volume físico cresceu, de 7,52 milhões de toneladas, exportadas em 2006 para 8,11 milhões em 2007, cerca de 7,84 % a mais.

Com isso, as cooperativas já são responsáveis por 6% do total do agronegócio exportado. De outro lado, elas importaram U\$ 293,25 milhões em 2007, de forma que o saldo comercial do setor foi de U\$ 3,01 bi, ou 14,41 % maior que em 2006.

Outro dado interessante revelado pela OCB em sua análise sobre o desempenho comercial das cooperativas é que houve uma diversificação dos mercados. Em 2006, o grande destino das exportações das cooperativas eram os Estados Unidos, com 11,23% da participação. Em 2007, caíram para a sexta posição, com metade desse percentual, só 5,58%. O grande importador de 2007 foram os Países Baixos, com 10,78 % do total, um crescimento de 74% em relação a 2006. Seguem a China, com 8,87%, a Alemanha, com 8,26% e os Emirados Árabes, com 7,32%. Outros 20 países foram destinos crescentes.

Por produto, o setor sucroalcooleiro foi o líder, representando 32,79% do total exportado, seguido pelo complexo soja com 25,91%, carnes, com 17,76% e café com 8,32%. Interessante destacar que, entre as carnes, a de frango representou 66,55%, seguida pela de suínos, com 28,23%.

O estado de São Paulo foi o maior exportador (graças ao setor sucroalcooleiro) com 32,51%, seguido de perto pelo Paraná, com 31,89%. Mas, o maior avanço de 2006 para 2007 foi o Paraná, com crescimento de 70,04%. Em seguida vêm Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Novos mercados vão se abrindo, como Rússia, Japão e Arábia Saudita, entre outros.

A OCB calcula que, em 2010, as exportações das cooperativas agropecuárias chegarão a U\$ 4,27 bilhões, atingindo a bela cifra de U\$ 19,12 bilhões em 2030.

Que beleza! O cooperativismo brasileiro está maduro e grandes benefícios ainda trará aos nossos produtores rurais. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

O dilema do seguro rural



Cesário Ramalho da Silva*

É FATO que o seguro rural avançou no Brasil nos últimos anos, mas ainda é muito pouco presente nas lavouras e pastagens do País. Dados do Ministério da Agricultura mostram que a área de grãos e de culturas permanentes segurada é de 2,3 milhões de hectares, menos de 4% dos 63 milhões de hectares cultivados na safra 2007/08. O seguro rural patina por um conjunto de fatores, que culminam no elevado valor do prêmio (preço a ser pago pela apólice).

Para o seguro ficar mais barato é preciso massificá-lo, o que coloca o segmento em um círculo vicioso. Poucos produtores rurais têm acesso porque o seguro é caro, mas ele é caro porque o número de clientes é reduzido. Como resolver o dilema? Algumas medidas estão sendo tomadas.

A quebra do monopólio do Instituto de Resseguros do Brasil (IRB) abriu o mercado interno de resseguros às empresas internacionais. A expectativa é que o aumento da concorrência na área de resseguro dê maior retaguarda financeira e capacidade operacional às seguradoras. As companhias também esperam contar com recursos de um futuro fundo de catástrofe, dinheiro que poderá ser usado na recomposição de caixa em casos de grandes sinistros.

O Ministério da Agricultura faz sua parte ao aumentar anualmente o volume de recursos destinado à subvenção. No